



A sua vida é um permanente processo de criação. A obra de arte é feita de alimento do dia a dia.

Dossiê

CONVERSAS COM

RUDRE

LORDE

Os espelhos não são baratos,
Poderosas e perigosas,
O silêncio não vai te proteger,
Mulheres reagem ao racismo.

Revista Florestan

a. 7, n. 10, v. 2

ISSN 2357-8300

LIBERDADE

THE BLACK PANTHER

Revista Florestan

ISSN: 2357-8300

ANO 7, N. 10, VOL. 2

MAIO DE 2021

WWW.REVISTAFLORESTAN.UFSCAR.BR

A Revista Florestan é uma publicação semestral dos discentes de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. As opiniões expressas nos artigos e resenhas assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

CORPO EDITORIAL 2021

FLÁVIO BELLOMI MENEZES

GABRIEL LINO DE ALMEIDA

JULIA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA

JÚLIA ARICÓ SAVAREGO

SAIMO HERNANDES CALMANOVICI PIGARI

ORGANIZAÇÃO DO DOSSIÊ

ADLA VIANA

ANA CECÍLIA OLIVEIRA CAMPOS

CAPA

GABRIELA DE JESUS

CONTATO

FLORESTAN.UFSCAR@GMAIL.COM

SUMÁRIO

05

EDITORIAL

DOSSIÊ

06

Apresentação

Ana Cecília Oliveira Campos

09

Introdução do Dossiê

Izabel Accioly & Tamires Cristina dos Santos

15

Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo

Fernanda A. J. Mariano

23

A raiva que me move

Bianca Moniche

27

Qual a vida possível após a morte?

Gabriela de Jesus

29

UMA LÍNGUA DE RESISTÊNCIA:
a raiva como artifício de
mudança

Carla Agnes Nunes da Silva

34

DECLARAÇÃO À RAIVA: Peças
de mim endereçadas

Sabrina Xavier

38

Raiva, ação e poesia

Ingrid Cerantola Jó

42

SOMANDO ENTRE DIFERENÇAS:
sobre a raiva aliada à luta

Larissa Lombardi Moreira

47

CIRCULAR ENTRE MUNDOS: A
prática da escrita e da pesquisa
enquanto Ferramentas Políticas

Tainá Souza Santos

RESENHAS

54

Irmã outsider: ensaios
e conferências

Caroline Serôdio

60

Mulheres, raça e
classe

Milena Dias

64

Sou sua irmã: escritos
reunidos e inéditos de
Audre Lorde

Stefanie de Almeida Macêdo

70

Olhares negros: raça e
representação.

Tanielly Rosária Santos Silva

EDITORIAL

O Corpo Editorial da Revista Florestan compreende a urgência de pesquisas que se desvencilhem de cânones das Ciências Sociais, e da Ciência como um todo, balizados por noções como a de neutralidade e que acabam por simplificar as relações de humanos e não-humanos com quem trabalhamos. O processo de decolonização também se dá na epistemologia de nossos estudos. Não basta falar sobre e nem inquirir uma pesquisa participativa que respalda-se nos mesmos princípios etno-eurocêntricos da produção de saberes.

Trabalhar com opressões e grupos marginalizados é sobretudo uma forma de refazer a história, ressoar vozes que por muito tempo encontravam-se silenciadas por uma produção científica branca e cis-heteronormativa, um estudo que sequer os reconhecia em par de igualdade, quando mencionados. Para estudar e pesquisar sobre opressões, é imprescindível tratar de sentimentos e sensações, transformar a vida cotidiana em teoria ativa capaz de fazer seu leitor se posicionar criticamente. Portanto também é dever de cientistas sociais estarem prontos para confrontar muito daquilo que foi a base de suas formações ao longo da graduação.

O Corpo Editorial da Revista Florestan fica extremamente animado com a publicação desta edição, que conta com o dossiê organizado pelas incríveis Ana Cecília Campos e Adla Viana, ambas vinculadas ao Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E) e ao Instituto Mulheres e Economia (imuê). Admiramos o trabalho de recuperar uma autora como Audre Lorde e buscar trazer com sua leitura reflexões de graduandas, que ressaltam como a universidade e a produção acadêmica não se encontram tão descoladas da sociedade quanto dito, uma vez que têm seu ambiente também pautado por temas como machismo e racismo. Acreditamos que o objetivo

maior desta Revista, de ser um periódico editado por graduandas/os e voltado para a publicação de graduandas/os, foi alcançado aqui com sucesso ímpar. Às autoras e organizadoras, agradecemos pelas parcerias e por acreditarem na publicação.

No que diz respeito às resenhas publicadas após chamada aberta por este corpo editorial, temos o prazer de contar com quatro autoras de áreas diversas de conhecimento, como a antropologia, a psicologia e a história, reforçando o caráter interdisciplinar proposto na criação do presente periódico acadêmico. Entretanto, reforçamos também a importância de caminhar na direção de mudanças ainda mais profundas nos modos com que fazemos ciência, destacando a importância da transdisciplinaridade e da criação em conjunto com saberes de fora da academia. Acreditamos que a liberdade dos gêneros textuais apresentados no dossiê formalizam um primeiro passo nessa direção.

A universidade e a pesquisa devem nos orientar para acabar com opressões que por tanto tempo renovam a mesma história, com os mesmos protagonistas. É imprescindível nos posicionarmos contra essa cultura hegemônica, pois só assim a pesquisa e as ciências sociais serão capazes de comunicar de forma concisa e sólida seus estudos e manter sua relevância social. Na esteira sangrenta de acontecimentos recentes, como os assassinatos de George Floyd, Pedro Henrique e a chacina de Jacarezinho, é legítimo usarmos a raiva como instrumento potencializador na resposta contra o racismo. Nesse sentido, Audre Lorde e as autoras presentes nesta publicação têm muito a nos ensinar sobre como conciliar os interesses da militância com a produção acadêmica.

Desejamos uma boa e inspiradora leitura.

São Carlos, 10 de maio de 2021.